

IN THE COMPANY OF MEN / 1969

um filme de William Greaves

Realização e Montagem: William Greaves / **Argumento:** William Greaves, Jack Godler

Produção: William Greaves Productions, Inc. / Comissariado pela Newsweek Magazine / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendado em português / **Duração:** 52 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

A Sessão tem lugar na Esplanada

Sendo William Greaves um profundo crente na responsabilidade — e até na obrigação — dos meios de comunicação social enquanto instrumentos pedagógicos, não pôde deixar de acolher com entusiasmo a proposta da *Newsweek*, uma das principais revistas de informação da época — por recomendação de Willard Van Dyke, então responsável pelo departamento de cinema do MoMA — para realizar um documentário... Até que soube o tema. Aí o entusiasmo deu lugar ao ceticismo. Qual era? Os *hard-core unemployed* — desempregados crónicos, especialmente afro-americanos. Para Greaves, habituado a estas andanças com as estruturas de poder e representação, a proposta soava a panfleto institucional disfarçado de pedagogia social, ainda para mais vinda de uma organização considerada subserviente do sistema.

Lembro que estamos nos turbulentos Estados Unidos do final dos anos 60, após os tumultos urbanos, os assassinatos de Malcolm X e Martin Luther King Jr. , e os protestos contra a Guerra do Vietname. O país fervilhava em tensões raciais, económicas e políticas, e a promessa de integração racial colidia com a realidade do desemprego estrutural e da exclusão social, especialmente entre os afro-americanos pobres.

Na reunião com os responsáveis da *Newsweek*, foi explicado ao realizador que o documentário seria uma espécie de “serviço público” que procurava apoiar, sobretudo, integrantes da National Alliance of Businessmen, um programa corporativo de qualificação de trabalhadores em situações vulneráveis. O objetivo oficial era apoiar uma campanha para integrar os *hard-core unemployed* no mercado de trabalho. Mas esse esforço esbarrava num obstáculo central que não podia ser coberto por qualquer verniz da pedagogia corporativa: a comunicação difícil entre estes trabalhadores e os seus supervisores brancos, num contexto agravado pelo racismo institucional e pela hipersensibilidade que daí resultava.

Greaves escreve, num artigo para a *Film Library Quarterly* (disponível no site dedicado ao realizador que tão bem indexa estes conteúdos), que o *hard-core man*, foi, sujeito a experiências negativas e traumáticas às mãos de encarregados, por vezes insensíveis, por vezes abertamente preconceituosos. Além disso, foi frequentemente brutalizado, pelo menos psicologicamente, por uma sociedade branca muitas vezes hostil. Como tal ele vê o supervisor branco como “um símbolo de rejeição, de uma América autoritária e racista, determinada a infligir-lhe sofrimento, e ele não quer fazer parte disso.”

Com a garantia do supervisor do projecto – Denny Crimmins - de que teria toda a liberdade criativa para fazer o filme que era preciso – na condição de que o foco fosse a comunicação entre as duas partes - , Greaves aceita fazer o documentário, e é assim que aqui chegamos...

Vendo nesta tensão uma configuração próxima do drama clássico — “duas partes que não querem ter nada a ver uma com a outra mas têm de se relacionar para sobreviver” (formulado aqui de modo deliberadamente simplista) — o realizador encontra o cenário adequado para aplicar as técnicas de *psicodrama*, ou mais precisamente do *sociodrama*, desenvolvidas por J. L. Moreno, que conhecia bem das sessões que frequentava no Moreno Institute, em Nova Iorque. Greaves recorre assim a uma forma de dramatização encenada que já havia explorado no seu mais célebre **Symbiopsychotaxiplasm: Take One** (filmado em 1968, embora apenas estreado em 1971) e que voltaria a trabalhar em **The Deep North**.

Empregando um psicodramatista branco do Moreno Institute – Walker Klavun – para orientar estas sessões de terapia de grupo disfarçadas de teatro de improviso - e sem qualquer garantia de que iriam, de facto, resultar - Greaves reúne trabalhadores negros, que encontrou em Kirkwood, Atlanta, e supervisores brancos da General Motors – primeiro em grupos separados e depois numa sessão conjunta – para partilharem experiências comuns através de encenações que os obrigam, por vezes, a “calçar os sapatos do outro”. O objectivo era fomentar a empatia, a escuta e a sensibilidade perante o outro lado do conflito, num ambiente marcado por desconfiança mútua e as assimetrias de poder. E claro filmar tudo isso.

Ao aplicar esta metodologia, o que aqui acontece, do ponto de vista formal, é uma desestabilização consciente das fronteiras entre encenação e realidade, entre documento e performance — numa espécie de pseudo-documentário ou meta-documentário. O filme não esconde os seus próprios mecanismos: incorpora-os como matéria dramática e discursiva. Os processos são expostos, e essa exposição implica revelar não apenas as técnicas utilizadas (como o *psicodrama*), mas também os sistemas de construção da “verdade”, denunciando os mecanismos de poder, performance e representação inerentes ao ato de filmar. Há, de facto, momentos que evocam o estilo do *cinema-vérité*, com uma linguagem visual que lembra Frederick Wiseman, no entanto o objectivo de Greaves não é apenas filmar a sessão de psicoterapia, ele orquestrou-a e intervém diretamente nela, nem que seja através da psicodramatista.

Há também uma consciência crítica de que a presença de uma equipa de filmagem influencia inevitavelmente o comportamento dos intervenientes. Essa consciência manifesta-se, por exemplo, na decisão de Greaves de formar equipas técnicas racialmente homogéneas: totalmente negras na sessão com os *hardcore men*, e totalmente brancas na sessão com os supervisores. E prova-se quando, na sessão conjunta, os trabalhadores negros são hostis para com ele por este ter decidido filmar com uma equipa branca. Não existe aqui a ilusão de uma verdade crua, mas existe uma tentativa essencial de obtenção de espontaneidade.

Perto do final do filme, um dos supervisores brancos corrige-se a si mesmo e utiliza “men” para se referir aos trabalhadores negros. Seria um sinal de esperança no diálogo com o “outro”... não fosse o atual estado do mundo, quase 60 anos depois.

Tiago Leonardo

Esta sessão antecipa o ciclo dedicado a William Greaves que a Cinemateca apresentará em outubro, em parceria com o Doclisboa e com a colaboração de Scott MacDonald — autor do livro *William Greaves: Filmmaking as Mission*.